



A epistemologia no campo da Educação Física brasileira: desenvolvimento e nuances

Epistemology in the field of Brazilian Physical Education: development and nuances

Epistemología en el campo de la Educación Física brasileña: desarrollo y matices

Silas Alberto Garcia 

Universidade Estadual de Goiás, Porangatu, Goiás, Brasil. silasgarcia11@gmail.com 

Gabriel Carvalho Bungenstab 

Universidade Estadual de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil. gabrielcarv@msn.com 

10.31668/praxia.v5i0.14259 

Resumo: Este artigo objetiva investigar o desenvolvimento e as nuances presentes na compreensão da epistemologia no campo da Educação Física brasileira. Infere-se que os intelectuais clássicos da Educação Física brasileira levantaram questões epistemológicas que contribuíram para o desenvolvimento epistemológico do campo. Contudo, a "profissionalização" da epistemologia só ocorre após o advento do Movimento Renovador, quando a discussão epistemológica começa a ser mais mobilizada, tornando-se uma temática elementar nos principais periódicos da área, em congressos e com a formação de um Grupo de Trabalho Temático (GTT) no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte voltado à epistemologia. Pondera-se, por fim, que a produção do campo parece estar trabalhando com a noção de atividade epistemológica, pois ela possibilita compreender a natureza do conhecimento produzido e, sobretudo, apontar limites e possibilidades que podem fazer a Educação Física brasileira avançar em sua prática científica, pedagógica e função social.

Abstract: This article aims to investigate the development and nuances present in the understanding of epistemology in the field of Brazilian Physical Education. It is inferred that classical intellectuals in Brazilian Physical Education raised epistemological questions that contributed to the epistemological development of the field. However, the "professionalization" of epistemology only occurs after the emergence of the Renewal Movement, when the epistemological discussion becomes more prominent, becoming a fundamental theme in major journals of the field, conferences, and with the establishment of a Thematic Work Group (GTT) in the Brazilian College of Sports Sciences focused on epistemology. It is considered, in conclusion, that the field's production seems to be working with the notion of epistemological activity, as it allows understanding the nature of produced knowledge and, above all, identifying boundaries and possibilities that can advance Brazilian Physical Education in its scientific, pedagogical, and social practice.

Palavras-chave:

Epistemologia.
Educação Física.
Movimento Renovador.

Keywords:

Epistemology.
Physical Education.
Renewal Movement.

Palabras clave:

Epistemología.
Educación Física.
Movimiento Renovador.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo investigar el desarrollo y los matices presentes en la comprensión de la epistemología en el campo de la Educación Física brasileña. Se infiere que los intelectuales clásicos de la Educación Física brasileña plantearon cuestiones epistemológicas que contribuyeron al desarrollo epistemológico del campo. Sin embargo, la "profesionalización" de la epistemología solo ocurre después del surgimiento del Movimiento Renovador, cuando la discusión epistemológica adquiere más relevancia, convirtiéndose en un tema fundamental en revistas destacadas del campo, congresos y con la formación de un Grupo de Trabajo Temático (GTT) en el Colegio Brasileño de Ciencias del Deporte centrado en la epistemología. Se concluye que la producción en el campo parece estar trabajando con la noción de actividad epistemológica, ya que permite comprender la naturaleza del conocimiento producido y, sobre todo, identificar límites y posibilidades que pueden hacer avanzar la Educación Física brasileña en su práctica científica, pedagógica y social.

Introdução

Atualmente o campo acadêmico da Educação Física têm se manifestado intensamente diante dos problemas políticos e sociais que afetam tanto a sociedade brasileira, como também o interior de sua comunidade científica. É nesse bojo que temos assistido a uma expansão dos estudos que procuram mapear e analisar o conjunto da produção científica no campo da Educação Física brasileira. Vaz, Almeida e Bassani (2014) definem essa expansão como sendo um “surto bibliométrico”.

Esses estudos e pesquisas demonstram, ao menos, duas reflexões fundamentais para pesquisadores da área. A primeira delas sugere que se, atualmente, temos vivenciado esse “surto” na produção do campo – por meio de pesquisas de tipo bibliográfica, estado da arte e estado do conhecimento – isso se deve ao fato de que, sem dúvida, o campo tem produzido muito conhecimento e que se faz necessário mapeá-lo, analisá-lo e verificar possíveis limites e continuidades.

Contudo, outra reflexão desse “surto” diz respeito ao esquecimento do sentido original da investigação em Educação Física que, de acordo com Vaz, Almeida e Bassani (2014, p. 756) está intimamente ligado a preocupação com sua função social. Esse esquecimento pode ser danoso para o campo, sobretudo pelo fato de que se presencia uma “[...] reificação da prática científica [...]” que se desinteressa tanto pelo estudo do “conhecimento sobre o conhecimento”, como também distancia os estudos e pesquisas dos problemas que envolvem a prática pedagógica.

A partir de um estudo bibliográfico, o presente artigo objetiva investigar o desenvolvimento e as nuances que estão presentes na compreensão sobre a epistemologia no campo da Educação Física brasileira. Para tal, foca-se na análise comparativa entre os panoramas epistemológicos anteriores ao surgimento do Movimento Renovadorⁱ e as perspectivas contemporâneas, a fim de compreender as influências históricas e teóricas que moldaram as concepções de conhecimento na disciplina.

Para levar a cabo esse objetivo, ressaltamos a importância de considerar que toda e qualquer revisão sobre a produção do conhecimento no campo da Educação Física precisa levar em consideração a sua tradição e especificidades. Nesse sentido, vale a pena perguntar: como era o panorama epistemológico no âmbito da Educação Física brasileira antes do surgimento do Movimento Renovador da Educação Física? Como a epistemologia tem sido compreendida no campo da Educação Física brasileira?



Os panoramas epistemológicos no âmbito da Educação Física brasileira antes do surgimento do Movimento Renovador

Compreende-se que as décadas de 1980 e 1990 – período que ficou conhecido pelo surgimento do Movimento Renovador da Educação Física – são um marco para a eclosão das discussões epistemológicas no campo da Educação Física brasileira. A razão para isso é que, nesse contexto, algumas questões relacionadas ao estatuto epistemológico (ou à ausência dele) da Educação Física brasileira começaram a ser problematizadas com mais rigor a partir da entrada de novos referenciais (as chamadas teorias críticas) no campo advindos, mormente, das Ciências Sociais e Humanas que suscitaram novos horizontes para se pensar e produzir o conhecimento científico.

Em vista disso, tornou-se consenso no debate epistemológico considerar apenas o que tem sido produzido nos períodos posteriores ao Movimento Renovador (década de 1970 em diante). São poucas as investigações do âmbito do debate epistemológico da Educação Física brasileira que mobilizaram, epistemologicamente, com mais aplicação os projetos de delimitação aventados por intelectuais que antecederam esse período.

Note-se que não se desconsidera a existência de estudos que investigaram com mais rigor o processo histórico da Educação Física brasileira. Existem estudiosos como Victor Andrade de Melo, Carmem Lúcia Soares, Silvana Vilodre Goellner, Edivaldo Góis Júnior, Marcelo Moraes e Silva, Evelise Amgarten Quitzau, entre outros, que possuem, sobremaneira, trabalhos expressivos que abordam a história da Educação Física brasileira. De igual maneira, não se ignora o enorme esforço dos pesquisadores do Movimento Renovador que analisaram epistemologicamente os projetos de delimitação e as proposições dos intelectuais clássicos da Educação Física brasileira. Chama-se atenção aqui apenas para o fato de haver um certo ocultamento no debate epistemológico da nossa área no que se refere aos projetos de delimitação elaborados por intelectuais que precederam o Movimento Renovador. Carece, portanto, de um tratamento epistemológico mais cuidadoso nas análises e nas críticas das obras desses intelectuais.

Essa necessidade de um trato epistemológico mais cauteloso e rigoroso para com as obras dos intelectuais clássicos da nossa área é ventilada por Souza *et al.* (2022). Nas palavras dos autores:

[...] se durante o contexto de transição dos anos 1980 para os anos 1990, vários pesquisadores da Educação Física no Brasil puderam pleitear formas mais sofisticadas de pensar teoricamente a realidade social que abrange o universo desta

profissão e das práticas que lhes são caras, é porque, antes deles, outros já haviam aberto algum caminho de discussão, ainda que de forma descritiva, linear, factual e/ou memorialista.

Amparados nas contribuições de Elias (2011), indicamos que ninguém começa a produzir conhecimento do zero, mas do ponto no qual outros pararam. Além disso, a lógica de revisitação do conhecimento, diferentemente da perspectiva de absorção, faz parte do estatuto epistemológico conquistado pelas Ciências Humanas (IANNI, 2011), condição que pode ser instrutiva para a área de Educação Física, se bem que isso não significa assumir posicionamento passivo diante dos textos clássicos, mas, pelo contrário, estabelecer uma atitude pautada em “dívidas” e “críticas” (LAHIRE, 2002), o que equivale a reconhecer, tal como sintetizado por Bourdieu et al. (1999, p. 42), em uma de suas fórmulas exemplares, que “[...] a verdadeira acumulação pressupõe rupturas [...]”. (Souza *et al.*, 2022, p. 3).

Como bem pontuado acima pelos autores, levantar a premência de uma análise epistemológica mais acurada das obras dos intelectuais clássicos do nosso campo não se dá no sentido de poupar críticas ou de desconsiderar as que já foram endereçadas a elas, mas sim de tratá-las epistemologicamente de modo que as análises e as críticas sejam mais honestas e sensíveis ao tempo e espaço em que elas foram desenvolvidas.

Com efeito, torna-se pertinente ressaltar e reconhecer que Medina (1990) já chamava atenção para essa questão lá nos idos do contexto em que podemos considerar o início do Movimento Renovador da Educação Física brasileira (década de 1980). De modo sensível e prudente, o autor asseverou que:

[...] não se trata aqui de minimizar ou mesmo ridicularizar os personagens e pioneiros que, no passado, trabalharam e lutaram pela ginástica, pelo esporte ou pela Educação Física e, de forma mais ampla, por uma cultura física.

[...] Cada época deve ser analisada pela ótica da realidade que a circunscreve e não faz sentido a aplicação de princípios antes prevalentes, mas que atualmente se mostram superados pelos novos conhecimentos estabelecidos. Nas ciências não existem verdades eternas. Tudo ocorre de maneira dinâmica, e é assim que a Educação Física deve evoluir, enriquecida constantemente por elementos mais significativos ao crescimento humano. Basta apenas que não nos percamos na extensão das particularidades, deixando escapar gradativamente a compreensão da totalidade em que os fenômenos acontecem. (Medina, 1990, p. 61-62).

A ausência de um tratamento epistemológico mais diligente para com as obras dos intelectuais clássicos (Rui Barbosa, Jorge de Moraes, Fernando de Azevedo e Lourenço Filho) da Educação Física brasileira faz com que os projetos de delimitação sustentados por eles sejam olvidados ou depreciados nas discussões epistemológicas do nosso campo? Passa-se uma impressão de que só se pode falar de questões de ordem epistemológica/científica na área da Educação Física brasileira após o advento



do Movimento Renovador, sendo que a área tem sua gênese radicada pelas bases científicas (Quitau; Silva, 2020).

Ao se fazer um recuo histórico, voltando, por exemplo, aos escritos de Rui Barbosa e Fernando de Azevedo, encontram-se bases teóricas, que, em seus limites, contribuíram epistemologicamente para a Educação Física brasileira. Esses intelectuais buscaram pensar a Educação Física (a ginástica e/ou educação do corpo) por meio das bases científicas. Nessa perspectiva, corrobora-se a análise de Figueiredo (2016, p. 39) de que “[...] o conhecimento histórico já demarcado nas produções de Rui Barbosa e Fernando de Azevedo também contribuiu, através dos argumentos da história, para a legitimação do campo [...]”.

Mais do que isso, os escritos de Rui Barbosa e Fernando Azevedo tiveram papel significativo para o desenvolvimento das bases científicas e epistemológicas do campo da Educação Física brasileira. Ambos os intelectuais ventilaram, em suas proposições, questões de ordem epistemológica. A título de exemplo, Rui Barbosa sustentava, com inspiração na concepção de formação integral da civilização grega, um projeto de Educação Física (ginástica/educação do corpo) que tinha como embasamento não só as bases científicas da anatomia e fisiologia, mas também bases filosóficas. Para ele, era fundamental pensar a educação do corpo a partir da articulação entre a cientificidade e a filosofia (Figueiredo, 2016).

Por seu turno, conforme Figueiredo (2016), Fernando de Azevedo, em sua obra *Da Educação Física: o que ela é, o que vem sendo e o que deveria ser*, argumentou que, para a Educação Física superar suas problemáticas, ela precisava se desenvolver a partir do respaldo das bases científicas. Ademais, Azevedo, já naquele tempo, também influenciado pela cultura grega, trouxe à tona, mesmo que sem aprofundamento e de forma introdutória, uma questão central no que concerne ao estatuto epistemológico do nosso campo. Para esse intelectual, a Educação Física precisava constituir-se em uma ciência moderna, ou melhor, deveria, especificamente, ser transformada e compreendida como uma ciência da saúde.

Figueiredo (2016) destaca que que, para Fernando de Azevedo,

A educação física desenvolvida na Grécia como uma “arte plástica” deveria, a partir de então, “se completar modernamente” com os elementos da fisiologia e da psicologia para que, “segura e eficaz”, pudesse continuar seu ciclo evolutivo. Chamando a educação física de “ciência da saúde”, esta deveria ser reedificada partindo dos valores gregos, sem perder de vista a dimensão científica dada por autores como Demeny e Mosso. O discurso modernizador é invocado também aos chamados “pioneiros da orientação nova”, que marcariam tal evolução com o acréscimo da psicologia ao debate científico da educação física [...]. (Figueiredo, 2016, p. 63).

Se forem analisados os escritos de outros importantes intelectuais, como Inezil Marinho, Jair Jordão, Alfredo Colombo, João Lyra Filhoⁱⁱ, que vieram antes do Movimento Renovador, são encontrados elementos em determinadas questões que eles mobilizaram em relação à Educação Física brasileira que podem ser considerados epistemológicos. À guisa de exemplo, Inezil Marinho sustentava a necessidade de uma Educação Física fundamentada filosoficamente, mas que deveria ter seus constructos, proposições, e formulações teóricas fundamentadas nas bases científicas para que não ficassem apenas no plano ideativo.

[...] o professor de Educação Física que toma as crianças ou os adolescentes e que depois nos exibem urna demonstração primorosa, ele fez com que cada urna dessas crianças, cada um desses adolescentes se aprimorasse, dominasse as suas coordenações neuromusculares e fosse levado a perfeição da expressão corporal. Esta é a forma pela qual a filosofia assinala e marca a sua presença na Educação Física. Mas nós não poderíamos viver apenas de ideias e ideais em Educação Física, nós teríamos exatamente de dar urna aplicabilidade a esses ideais, a essas ideias, a essas formulações teóricas. E então, no estudo do movimento, ou seja, da expressão corporal, que traduz exatamente no exercício de todas as capacidades para as quais nós estamos estruturados e a ciência vem e procura aperfeiçoar cada vez mais esses movimentos, eliminando os fatores negativos e permitindo que pudesse o homem, sobretudo na atividade esportiva, lutar contra o tempo e o espaço (Marinho, 2005, p. 65).

Destarte, nos períodos precedentes ao Movimento Renovador da Educação Física brasileira, é possível encontrar elementos teóricos, ainda que de modo exordial e esporádico, que foram dando conformação para o desenvolvimento epistemológico do nosso campo. Desse modo, pode-se inferir que os intelectuais clássicos da Educação Física brasileira aventaram questões (como a Educação Física deve(ria) ser fundamentada? Qual a relação da Educação Física com a ciência? O que é Educação Física? Qual a função social da Educação Física?) epistemológicas que, de certa maneira, contribuíram para o desenvolvimento epistemológico do campo. Afinal, como asseveram Mendes e Nóbrega (2008) e Figueiredo (2016), o desenvolvimento das bases teóricas, científicas e epistemológicas da Educação Física brasileira foram se constituindo historicamente. No entanto, a análise epistemológica não fazia parte do centro dos interesses investigativos dos intelectuais que precederam o Movimento Renovador. As preocupações deles eram outras.



O *modus operandi* da epistemologia no campo da Educação Física brasileira

Epistemologia é um termo amplamente controverso e complexo. Etimologicamente, ele é derivado das palavras *episteme* (conhecimento, ciência) e *logos* (discurso, estudo, teoria racional). Destarte, epistemologia pode ser definida como sendo o estudo/discurso racional do/da conhecimento/ciência. No entanto, diferentemente do que se presume, o termo epistemologia surgiu no glossário filosófico somente em meados do século XIX (Castañon, 2007; Dutra, 2010; Japiassú, 1977).

Apesar disso, não é contrassenso considerar que a epistemologia já vinha sendo desenvolvida desde o período clássico da filosofia, porém, com outros termos. Platão, Aristóteles, Descartes, Bacon, Locke, Kant, Hume – entre outros vários filósofos que precederam o surgimento do termo epistemologia no século XIX –, em suas investigações, abordaram significativas problemáticas atinentes ao cosmo e ao conhecimento humano e científico que podem ser considerados epistemológicos (Bunge, 2002a). Inclusive, as problemáticas exploradas por esses filósofos foram fundamentais para o surgimento do termo epistemologia.

Por essa razão, Bunge (2002a) denomina os filósofos clássicos de epistemólogos aficionados, dado que eles tinham outros interesses investigativos (matemática, política, física, história das ideias, astronomia etc.), por isso, a epistemologia ficava secundarizada, sendo, na maioria das vezes, praticada em horários de descanso. Embora esses intelectuais não fossem especialistas em epistemologia, eles deixaram consideráveis contribuições epistemológicas.

Ainda de acordo com Bunge (2002a), é somente no século XX, sobretudo a partir da formação do Círculo de Vienaⁱⁱⁱ, que ocorre o processo de profissionalização da epistemologia, quando alguns intelectuais começaram a se especializar especificamente em questões de natureza epistemológica. Então, doravante a isso, surgiram as cátedras de epistemologia nas universidades e alguns periódicos científicos especializados que tinham seu escopo direcionado aos debates epistemológicos.

Em virtude da sua amplitude, a epistemologia é interpretada e compreendida de diferentes formas, não possuindo um conceito unívoco e consensual. Como pontua Japiassú (1977, p. 23), “seu estatuto está longe de poder ser bem definido [...] pois os limites do domínio de investigação [...] são muito flutuantes [...] não existe sequer um acordo quanto à natureza dos problemas que ela deve abordar”.

Nem mesmo nos dicionários filosóficos há consenso. A título de exemplo, em Abbagnano (2007), a epistemologia é definida apenas como teoria do

conhecimento. Já em Bunge (2002b), ela é compreendida pelas suas significações científica e filosófica da seguinte forma:

a. **Científica** - Psicologia cognitiva: a investigação dos processos cognitivos da percepção à formação de conceito, conjecturar e inferir. Quando leva em conta o cérebro e a sociedade, pode-se dizer que a psicologia cognitiva tem como efeito naturalizar e socializar a epistemologia. **b. Filosófica** - O estudo de processos cognitivos - particularmente a investigação - e seu produto (conhecimento) em termos gerais. Amostra das problemáticas: relações entre conhecimento, verdade e crença; o que é comum e diferente entre conhecimento ordinário, científico e tecnológico; papel(éis) e limites da indução; estímulos filosóficos, e obstáculos à pesquisa; matriz social da cognição; relações entre epistemologia, semântica e as ciências sociais do conhecimento; relações entre teologia e ciência; méritos e defeitos das várias escolas epistemológicas. (Bunge, 2002b, p. 118, grifos do autor).

Por seu turno, em Japiassú e Marcondes (2001), encontra-se uma definição mais abrangente que evidencia melhor toda a amplitude da epistemologia. Os autores a definem como:

Disciplina que toma as ciências como objeto de investigação tentando reagrupar: a) a crítica do conhecimento científico (exame dos princípios, das hipóteses e das conclusões das diferentes ciências, tendo em vista determinar seu alcance e seu valor objetivo); b) a filosofia das ciências (empirismo, racionalismo etc.); c) a história das ciências. O simples fato de hesitarmos, hoje, entre duas denominações (epistemologia e filosofia das ciências) já é sintomático. Segundo os países e os usos, o conceito de "epistemologia" serve para designar seja uma teoria geral do conhecimento (de natureza filosófica), seja estudos mais restritos concernentes à gênese e à estruturação das ciências. No pensamento anglo-saxão, epistemologia é sinônimo de teoria do conhecimento (ou gnoseologia), sendo mais conhecida pelo nome de "*philosophy of science*". E neste sentido que se fala de epistemologia a propósito dos trabalhos de Piaget versando sobre os processos de aquisição dos conhecimentos na criança. O fato é que um tratado de epistemologia pode receber títulos tão diversos como: "A lógica da pesquisa científica", "Os fundamentos da física", "Ciência e sociedade", "Teoria do conhecimento científico", "Metodologia científica", "Ciência da ciência", "Sociologia das ciências" etc. Por essa simples enumeração, podemos ver que a epistemologia é uma disciplina proteiforme que, segundo as necessidades, se faz "lógica", "filosofia do conhecimento", "sociologia", "psicologia", "história" etc. Seu problema central, e que define seu estatuto geral, consiste em estabelecer se o conhecimento poderá ser reduzido a um puro registro, pelo sujeito, dos dados já anteriormente organizados independentemente dele no mundo exterior, ou se o sujeito poderá intervir ativamente no conhecimento dos objetos. Em outras palavras, ela se interessa pelo problema do crescimento dos conhecimentos científicos. Por isso, podemos defini-la como a disciplina que toma por objeto não mais a ciência verdadeira de que deveríamos estabelecer as condições de possibilidade ou os títulos de legitimidade, mas as ciências em via de se fazerem, em seu



processo de gênese de formação e de estruturação progressiva. (Japiassú; Marcondes, 2001, n.p.).

Além dessas definições elencadas, também é possível identificar a epistemologia como metaciência (investigação da ciência pela ciência) ou sendo confundida com o conceito de filosofia da ciência. Então, como visto, a epistemologia possui tanto definições mais restritas quanto definições mais abrangentes. Essa polissemia conceitual do termo epistemologia torna a sua compreensão ainda mais complexa, confusa e ambígua.

Para uma maior elucidação do termo epistemologia faz-se pertinente, em consonância com Castañon (2007), diferenciá-lo dos termos filosofia da ciência e teoria do conhecimento. Nessa senda, o termo *epistemologia* pode ser mais bem compreendido se for assumido como sendo o estudo sistemático e rigoroso dos métodos, da história, da estrutura, do desenvolvimento e do funcionamento de todos os tipos de conhecimento, desde os especulativos (teologia e filosofia) até os científicos. Já o termo *filosofia da ciência* pode ser entendido como sendo especificamente o estudo sistemático dos métodos, dos critérios, dos limites, das possibilidades, dos princípios, da organização e do desenvolvimento do conhecimento científico. Por fim, o termo *teoria do conhecimento* deve ser tomado como sendo uma disciplina filosófica que tem como objeto de estudo as condições de possibilidade de todos os tipos de conhecimento.

Mas e no campo da Educação Física brasileira, como o termo epistemologia tem sido compreendido? No *Dicionário crítico de Educação Física*, Sánchez Gamboa (2014) apresenta bem os diferentes significados que podem ser atribuídos ao termo epistemologia. Além disso, ao explicar o modo como ele vem sendo utilizado na Educação Física brasileira, o autor recorre ao Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) – entidade científica de grande impacto e importância para a Educação Física brasileira – que conceitua a epistemologia como sendo os “[...] estudos dos pressupostos teórico-filosóficos, presentes nos diferentes projetos de delimitação da Educação Física, voltados para o fomentar da atividade epistemológica como interrogação constante dos saberes constituídos neste campo” [...]. (CBCE, 2022, n.p.).

Apesar de poucos trabalhos apresentarem de forma explícita o que estão compreendendo por epistemologia, quando se faz uma análise do cenário do debate epistemológico, a definição veiculada pelo CBCE aparenta ser implicitamente o entendimento consensual do que se concebe por epistemologia no campo da Educação Física brasileira.

Para um exame mais qualificado da definição do CBCE ao termo epistemologia, pode-se segmentá-la em duas partes para uma melhor compreensão.

Na primeira parte da definição, tem-se que o objetivo da epistemologia é o estudo “[...] dos pressupostos teórico-filosóficos, presentes nos diferentes projetos de delimitação da Educação Física” (CBCE, 2022, n.p.). Já na segunda parte, tem-se o foco no “[...] fomentar da atividade epistemológica como interrogação constante dos saberes constituídos neste campo [...]” (CBCE, 2022, n.p.).

Começando a análise pela segunda parte da definição, o termo “atividade epistemológica” se destaca e merece atenção. No campo da Educação Física, ele é bastante utilizado e possui impacto ao ponto de estar presente nos verbetes do *Dicionário crítico de Educação Física*. Assim ele é definido:

A atividade epistemológica, porém, busca compreender a lógica de produção dos saberes das ciências nas inter-relações com o contexto em que se legitimam (ou não) estes saberes, mas persegue também uma melhor compreensão dos arranjos internos do fazer científico, que, na sua demanda por objetivações, “esquece-se” do não dito no dito, ou seja, que toda pretensão de verdade, como sabiam os gregos, vela ao desvelar. Um bom exemplo disso é o reconhecimento de que chegamos em “verdades” diferentes nos movimentando em paradigmas diferentes ou com diferentes metodologias.

[...] A atividade epistemológica, embora pautada pelo debate filosófico acerca do conhecimento e, em particular, da ciência, deve permitir capturar a dinâmica do denominando conhecimento científico em uma área particular e em suas inter-relações. Esse exercício crítico, em uma perspectiva não metafísica, deve ser feito sem o recurso a uma verdade com V maiúsculo (seja da Teologia seja das Ciências Naturais ou Sociais), mas na interlocução dos atores envolvidos na produção dos saberes que por mais sólidos (interna e externamente legitimados) não podem ignorar que suas verdades possuem endereço e fazem aniversário.

[...] o esforço do que denominado Atividade Epistemológica visa a contribuir para uma maior visibilidade dos conhecimentos que produzimos e tomamos como verdadeiros. (Fensterseifer, 2014, p. 54-56).

Isso posto, fica notório que a atividade epistemológica consiste em um termo que é usado na Educação Física brasileira com o propósito de fazer contraposição à noção clássica de epistemologia advinda das ciências naturais que se caracterizava por perpetuar uma lógica de encarar o conhecimento de maneira engessada, monolítica e dogmática^{iv}. Assim, a atividade epistemológica busca incitar uma constante disposição crítica ao que vem sendo produzido na Educação Física brasileira, reconhecendo que o conhecimento é mutável, flexível e diacrônico.

Esse propósito da atividade epistemológica é bem similar ao conceito de vigilância epistemológica. Segundo Japiassú (1977), umas das categorias essenciais da epistemologia consiste na vigilância epistemologia, pois é por meio dela que ocorre a contínua reflexão sobre a atitude científica para que seja possível atingir a máxima objetividade científica. A diferença sutil entre a atividade epistemológica e a vigilância



epistemológica reside na questão de esta se limitar ao conhecimento científico, ao passo que aquela é mais abrangente e não se restringe somente à reflexão do método científico.

Portanto, a atividade epistemológica é um conceito de grande valia para o entendimento do processo de desenvolvimento epistemológico da área da Educação Física brasileira. Além de contrastar a noção de epistemologia clássica e de propor uma incessante reflexão sobre a produção do conhecimento, ela também renega o cientificismo e dá palco para a valorização de outros conhecimentos (filosóficos, axiológicos, pedagógicos, estéticos, artísticos etc.) e não apenas o científico (o que não significa, obviamente, relegar a ciência). O conceito de atividade epistemológica permite essa operacionalização com outros tipos de conhecimento porque reconhece os limites da ciência e abona, com reflexividade, a pertinência das várias formas de conhecimento produzidos pela humanidade. Logo, sua principal contribuição está em ser uma constante indutora da análise crítica do processo de produção do conhecimento, tendo, para isso, o conhecimento científico como uma das suas bases (mas não a única) para a efetivação desse objetivo.

Continuando a análise da definição do CBCE ao termo epistemologia, retoma-se à primeira parte da conceituação que traz que sua finalidade é o estudo “[...] dos pressupostos teórico-filosóficos, presentes nos diferentes projetos de delimitação da Educação Física” (CBCE, 2022, s.p.). O que se propõe, nessa primeira parte da definição, constitui-se em um processo substancial que demanda de um esforço demasiado, pois, além de uma análise epistemológica, uma análise histórica também é imprescindível.

A intencionalidade dessa primeira parte da definição de epistemologia do CBCE faz jus à categoria da recorrência epistemológica. Conforme Japiassú (1977, p. 20), o processo de “[...] explicar o devir de uma ciência, ligando o conhecimento de seu passado à análise de seu estado presente, e fazendo depender este estado presente de todos os elementos que constituíram sua possibilidade” é que se denomina de recorrência epistemológica.

Requer-se de uma incessante investida na história para dar conta de compreender as objetivações teórico-filosóficas contidas nas variadas concepções de delineamento da Educação Física brasileira. É aí que a recorrência epistemológica se faz propícia, posto que investir na história é um processo que requisita de um recorrente diálogo entre o que é histórico, o que é atual e o que se vislumbra para o futuro.

Diante disso, nota-se que a definição do CBCE ao termo epistemologia contém profícuos elementos conceituais que dão conta de expressar de forma

significativa a dimensão de uma investigação epistemológica. A atividade epistemológica, um dos elementos-chave na definição de epistemologia do CBCE, é um conceito que se faz presente nas produções do nosso campo. Além disso, como destacado por Bungenstab (2020), nos últimos anos, percebe-se, nas produções epistemológicas da Educação Física brasileira, um esforço ainda maior para com a atividade epistemológica, pois há uma crescente preocupação em analisar a produção do conhecimento do campo. Esse movimento busca uma análise mais acurada das produções a partir da reflexão dos diferentes autores e teorias que foram e são mobilizados no campo, explorando suas possibilidades e seus limites. Portanto, a atividade epistemológica tem sido desenvolvida de modo a contribuir com a análise crítica dos variados pressupostos teórico-filosóficos.

Considerações finais

Destarte, neste artigo, empreendeu-se uma singela reflexão bibliográfica buscando compreender, grosso modo, como se deu a relação (desenvolvimento e nuances) do campo da Educação Física brasileira com a epistemologia. Ao suscitar as indagações a respeito de como era o panorama epistemológico no âmbito da Educação Física brasileira antes do surgimento do Movimento Renovador da Educação Física e de como a epistemologia tem sido compreendida no campo da Educação Física brasileira constatou-se que: I) a importância de um tratamento epistemológico mais diligente para com os intelectuais clássicos da Educação Física brasileira que precederam o Movimento Renovador; II) apesar de os intelectuais clássicos da Educação Física brasileira já terem levantado algumas questões de ordem epistêmica, a discussão epistemológica (ou a preocupação com questões epistemológicas) do campo foi mais evidenciada somente a partir da década de 1970 com a influência do Movimento Renovador (note-se que influência não equivale a dizer que foi uma invenção particular deste); III) o termo atividade epistemológica pode ser compreendido como o conceito que melhor tem expressado a epistemologia na Educação Física brasileira (algo em constante movimento [reflexivo] e desenvolvimento);

Em relação ao trato com os pesquisadores que precederam o Movimento Renovador acreditamos que existem espaços vazios em diversas obras e que podem oferecer caminhos para novas discussões. Exemplo disso são os recentes artigos publicados sobre Rui Barbosa (Cavalcante, Bungenstab e Lazzarotti Filho, 2020) e Inezil Marinho (Gama *et al*, 2022). Já em relação as questões de cunho epistemológicas, pode-se afirmar que é somente mediante o surgimento do Movimento Renovador, com a inserção das teorias críticas na área, que a discussão epistemológica começa a



ser mais mobilizada no campo, tornando-se até mesmo uma temática elementar em alguns dos 44 principais periódicos da Educação Física brasileira, em congressos e, também, a partir de 1996 passou a ter um GTT (Grupo de Trabalho Temático) no CBCE especificamente sobre epistemologia. Isso permite dizer, ancorados no que já afirmou Bunge (2022), que o debate epistemológico no interior da Educação Física brasileira se “profissionaliza” com o Movimento Renovador.

Por fim, a produção do campo da EF brasileira parece estar trabalhando com a noção de atividade epistemológica, uma vez que ela possibilita compreender a natureza do conhecimento produzido e, sobretudo, apontar limites e possibilidades que possam fazer o campo da EF brasileira avançar no que tange a sua prática científica, pedagógica e sua função social.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BUNGE, Mario. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Perspectiva, 2002b.

BUNGE, Mario. **Epistemologia**. 3. ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2002a.

BUNGENSTAB, Gabriel Carvalho. **Epistemologia da Educação Física brasileira: (re) descrições da atividade epistemológica no século XXI**. Movimento, Porto Alegre, v. 26, p. 1-14, 2020a.

CASTAÑON, Gustavo. **Introdução à epistemologia**. São Paulo: EPU, 2007.

CAVALCANTE, Fernando Rezende.; BUNGENSTAB, Gabriel Carvalho; LAZZAROTTI FILHO, Ari. Rui Barbosa e a Educação Física nos pareceres para o ensino primário de 1883: influências e proposições. **Movimento**, [S. l.], v. 26, p. e26078, 2020. DOI: 10.22456/1982-8918.104923.

CBCE. **GTT 04 – Epistemologia**. 2022. Disponível em: <https://www.cbce.org.br/gtt/gtt04-epistemologia>. Acesso em: 11 ago. 2022.

DAOLIO, Jocimar. **Educação Física brasileira: autores e atores da década de 1980**. Campinas, SP: Papirus, 1998.

DUTRA, Luiz Henrique de Araújo. **Introdução à epistemologia**. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Atividade epistemológica. *In:* GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo (org.). **Dicionário crítico de Educação Física**. 3. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2014. p. 53-57.

FIGUEIREDO, Priscilla Kelly. **A história da Educação Física e os primeiros cursos de formação superior no Brasil**: o estabelecimento de uma disciplina (1929-1958). 2016. 272 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

GAMA, Dirceu Ribeiro Nogueira da; COSTA, Lamartine Pereira da; CASTRO, Juliana Brandão Pinto de; VALE, Rodrigo Gomes de Souza; SANTO, Wecisley Ribeiro do Espírito. Philosophy of Physical Education and sports in Brazil: an analysis of the philosophical foundations in the work of Inezil Penna Marinho. **Journal of Physical Education**, v. 34, p. e3302, 2022.

JAPIASSÚ, Hilton. **Introdução ao pensamento epistemológico**. Rio de Janeiro: Livraria F. Alves Editora, 1977.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

MACHADO, Thiago da Silva; BRACHT, Valter. O impacto do movimento renovador da educação física nas identidades docentes: uma leitura a partir da teoria do reconhecimento de Axel Honneth. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p. 849-860, 2016.

MARINHO, Inezil Penna. Educação Física: filosofia, ciência e arte. *In:* GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). **Inezil Penna Marinho**: coletânea de textos. 2005. p. 61-74.

MEDINA, João Paulo Subirá. **A Educação Física cuida do corpo e ... “mente”**. 9. ed. Campinas, SP: Papirus, 1990.

MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza; NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. O Brasil-Médico e as contribuições do pensamento médico-higienista para as bases científicas da educação física brasileira. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, n.1, p. 209-219, 2008.

QUITZAU, Evelise Amgarten; SILVA, Marcelo Moraes e. Educación Física y ciencia: una mirada historiográfica. **The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport (Revista ALESDE)**, Curitiba, v. 12, n. 1, p. 23-42, jun. 2020.



SÁNCHEZ GAMBOA, Silvio. Epistemologia. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo (org.). **Dicionário crítico de Educação Física**. 3. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2014. p. 249-252.

SOUZA, Juliano de; BUNGENSTAB, Gabriel Carvalho; SILVA, Marcelo Moraes e; GARCIA, Rui Proença. Interfaces entre educação física e teoria social—reflexões e desafios para a formação científica. **Educação, Ciência e Cultura**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, 2022.

VAZ, Alexandre Fernandes; ALMEIDA, Felipe Quintão de; BASSANI, Jaisson. Revista Brasileira de Ciências do Esporte: dificuldades, desafios e dilemas da editoração científica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 36, n. 4, p. 752-758, 2014.

Recebido em: 20/08/2023

Aprovado em: 16/10/2023

Publicado em: 07/12/2023

ⁱ O Movimento Renovador da Educação Física brasileira surgiu como uma iniciativa para reorganizar os fundamentos teóricos, pedagógicos e epistemológicos da Educação Física, buscando-se superar os modelos tradicionais da aptidão física e do esportivismo que se encontravam hegemônicos na área. A fase inicial deste movimento, que se estendeu desde 1970 até meados da década de 1990, teve como objetivo principal reestruturar os componentes políticos e pedagógicos da teoria da Educação Física, visando garantir à disciplina uma identidade mais coerente com seus princípios e finalidades, além de buscar assegurar a sua legitimidade como uma disciplina escolar (deixando seus status de ser uma mera atividade) (Machado; Bracht, 2016). O Movimento Renovador, depois de 1990, também passou a enfocar suas preocupações com questões epistemológicas, tendo como finalidade estabelecer uma base científica (estatuto científico) sólida e robusta para a disciplina da Educação Física, o que permitiria sua consolidação no meio acadêmico e o avanço significativo em termos de pesquisas, teorias e práticas educacionais. Recorrendo ao diagnóstico de Daolio (1998), os principais representantes do Movimento Renovador da Educação Física brasileira são: João Paulo Medina, Vitor Marinho, Victor Matsudo, Valter Bracht, Go Tani, Mauro Betti, Lino Castellani Filho, Celi Taffarel, Elenor Kunz e João Batista Freire.

ⁱⁱ A análise específica de cada um destes intelectuais não será contemplada no presente texto, uma vez que para empreender tal tarefa, seria imperativo, em nossa perspectiva, realizar uma investigação profunda, a qual, infelizmente, não se torna exequível no contexto atual.

ⁱⁱⁱ O Círculo de Viena – por vezes também conhecido como Positivismo Lógico, Empirismo Lógico, Neopositivismo – foi uma corrente filosófica criada no final da década de 1920 por um conjunto de filósofos e lógicos da ciência, entre eles Kurt Gödel, Philip Franc, Hans Reichenbach, Victor Kraft, Friedrich Waismann. Otto Neurath, Ernest Nagel e Rudolf Carnap. Em síntese, esse grupo buscava a unificação das ciências e defendia que a linguagem científica deveria ter lógica empírica em seus enunciados, ao passo que os enunciados metafísicos e os pseudoproblemas deveriam ser evitados por não terem sentido lógico e por não serem verificáveis. Nesse sentido, para o Círculo de Viena, o critério de demarcação para analisar se uma sentença é científica e provida de sentido é o verificacionismo. Tal critério consiste em colocar empiricamente em prova os enunciados. Se eles forem empiricamente verificáveis, são científicos, caso não, são metafísicos e devem ser descartados. (Japiassú; Marcondes, 2001; Abbagnano, 2007; Castañon, 2007).

^{iv} Críticas à concepção clássica da epistemologia, semelhantes às levantadas pela perspectiva da atividade epistemológica, também foram empreendidas por pensadores como Fleck, Popper, Bachelard, Kuhn, Lakatos, Feyerabend, Boaventura Santos, entre outros.